



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/conversas-com-ecologias/>

Conversas *com* ecologias e educação infantil: um convite para emaranhar com bebês e crianças num mundo em ruínas

Bárbara de Mello [1]

Natasha Pitanguy de Abrantes [2]

RESUMO: Este ensaio se materializa como parte de deslocamentos de pensamentos compartilhados *com* ecologias, a partir das discussões nas aulas de doutoramento e de uma escrita partilhada por duas amigas e professoras da educação infantil, na tensão de um mundo em ruínas como descreve Anna Tsing (2019). Com essas conversas, junto a autores e autoras, partilharemos questões para pensar *com* as brincadeiras infantis, *com* as materialidades, *com* devires e *com* as existências e modos de vida que não somente humanos. Nesse enlace, que nos vemos parte, emaranhadas, suponhamos tentativas de fugas, brechas e ranhuras, compondo com uma primeira questão: como tensionar modos de vida em articulações que se entendam como parte da natureza e não fora dela? Nas conversas, partilhas e causos de sopa de ervilha, entre rascunhos e almoços, convidamos as demais e os demais que se acheguem e fiquem conosco com o que Donna Haraway (2023) chama de *trouble*, ou seja, fiquemos com o problema e com a encrenca desta escrita tecida entre questões, incertezas, muitos corpos e mãos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Ecologias. Ruínas. Materialidades. Devir

Conversations with ecologies and early childhood education: an invitation to entangle with babies and children in a world in ruins

ABSTRACT: This essay materializes as part of displacements of thoughts shared with ecologies, from discussions in doctoral classes and a writing shared by two friends and early childhood



education teachers, in the tension of a world in ruins as described by Anna Tsing (2019). With these conversations, together with authors and authors, we will share questions to think with children's play, with materialities, with becomings and with existences and ways of life that are not only human. In this link, which we see ourselves as part of, entangled, let us suppose attempts at escapes, gaps and grooves, composing with a first question: how to tension ways of life in articulations that understand themselves as part of nature and not outside of it? In conversations, sharings and pea soup causes, between drafts and lunches, we invite others to come closer and stay with us with what Donna Haraway (2023) calls trouble, that is, let us stay with the problem and the mess of this writing woven between questions, uncertainties, many bodies and hands.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Ecologies. Ruins. Materialities. Becoming

Mais que dois corpos...

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso - enquanto seu lobo não vem -, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade.
(Krenak, 2020, p. 16)

Este é um texto escrito *com*, em uma primeira mirada, dois corpos. Antes das primeiras palavras tecladas, que somadas às outras deram forma a este ensaio; conversas, partilhas de um doutoramento e casos de sopa de ervilha, provocaram o desejo por uma escrita em enlace. Nesse ensaio, pendulamos entre as flexões plural e singular, entre uma e entre nós, ao tecermos escritas *com* nossas vidas díspares e confluentes, que ora se bifurcam, ora se emaranham, em meio ao desejo de estar *com* as questões, talvez, não mais de uma ou de outra, mas, nossas.

Certo dia, antes da aula em que começamos a pensar numa escrita partilhada, marcamos um almoço próximo à Universidade, e, enquanto uma esperava na entrada do local marcado, a pensar nos grãos que deixou de molho, para a sopa que faria na noite daquele dia frio, a outra chegou um tanto esbaforida, pela roupa suja de sopa, que havia derrubado acidentalmente em si mesma.



Rimos da situação, que para além de amigas de curso e na vida, tínhamos em comum o desejo da escrita e a sopa de ervilha.

Durante nosso almoço, entre ervilhas e risadas, entre o prato pedido e rascunhos das aulas, ensaiamos conversas *com* “ecologias”, “mais-que-humanos”, “antropoceno”, parte da temática discutida na disciplina que cursávamos juntas durante o semestre. Neste ensaio, apesar da polissemia que compõe os questionamentos dessas tematizações, escolhemos o exercício de fuga das conceituações, mirando nos deslocamentos de pensamentos e na invenção de problemas. Nesse prisma, é uma perspectiva que este ensaio costure cuidadosos exercícios de *atentividade* (Dooren, Kirksey, Münster, 2016) pelas vias do texto, da escrita, envolvendo prestar atenção aos outros, deixando-se capturar pelos muitos modos de existir e viver.

Em enlace, traremos possíveis diálogos com a educação infantil, segmento que somos professoras na rede pública de educação há um pouco mais de dez anos. E, ainda, tensionaremos as relações com bebês e crianças, e o que costumam chamar de educação para o meio ambiente, educação e natureza, cuidado com o meio ambiente ou, qualquer outra nomenclatura/prática que venha evocar uma relação centrada no humano, apartada do sentido de estar *com*, sendo *parte das ecologias existentes* na urgência de um mundo em ruínas (Tsing, 2019).

Pensar com essas ecologias, talvez, seja um desafio, visto que a herança moderna insiste em ficar e se faz ver e sentir nas tantas divisões que continuam sendo reiteradas e afetam as existências: mente x corpo; cultura x natureza; adultos x crianças; heterossexual x homossexual; fora x dentro; humanos x não-humanos, entre outros binarismos originados da ideia de racionalidade humana.

Trazer à conversa essas dualidades, nos convida a pôr em xeque o que historicamente se tem nomeado por Humanidades, na qual a Pedagogia, a Educação e o Humano (Hétero e Branco, especialmente) fazem parte. As primeiras letras foram tecladas em maiúsculo propositalmente. O MAIÚSCULO é mais uma camada nessa separação, na tentativa de deslocar-se do enredamento, pressupondo-se acima, pensante, colonizador. É urgente encontrar frestas que nos possibilitem escapar, ainda que, por pequenos rasgos, dos padrões modernos, humanistas que tão fortemente nos constituem e nos amarram. Escapar seria possível?



Talvez, trate-se de *ficar com o problema* (Haraway, 2023), talvez, tenha mais sentido traduzir *trouble*, trocando problema por encrenca, dado o cenário em que nos encontramos. Fiquemos com a encrenca! Comumente, a instituição escolar, seja ela creche ou escola, filha das Humanidades e da Modernidade, trata a “natureza” e o “ambiental” sob uma ótica informacional, na qual o humano, desde bebê, precisa adquirir informações sobre, e, é modelado para, algum dia, salvar o planeta, como na clássica canção infantil lançada na década de 80, composta por Ivan Lins e Vitor Martins (1987): “*depende de nós, quem já foi ou ainda é criança, que acredita ou tem esperança, quem faz tudo para um mundo melhor [...]*”. Tadeu (2007) propõe que o que move a pedagogia é a vontade de salvar e, acrescenta: “Mas quem eles querem salvar? E quem quer mesmo ser salvo?” (p. 312). Seguindo o fio, sugerimos camadas na construção da(s) encrenca(s): quais possíveis relações entre a intenção de salvar, herança da pedagogia, e a lógica informacional, distanciada, que concebe humanos fora do enredamento? Como tensionar modos de vida em articulações que se entendam como parte da natureza e não fora dela? Quais possibilidades de viver *com* os bebês e as crianças, também em creches e escolas que não na lógica da salvação/distanciamento/ catequização?

Pensar-nos como parte de ecossistemas interconectados em redes e, para tal, produzir *com* redes e modos de vida, tensionando a ideia de autorregulação, autonomia e responsabilização no sujeito em si, evocada pela modernidade, conforme os autores e autoras em diálogo nos convidam a viver, nos faz perguntar, ainda, como habitarmos outros possíveis para além da educação “responsável por” ensinar, informar, salvar humanos e não-humanos? Como colocar em xeque o “depende de nós” historicamente construído nas relações pedagógicas, sem que isso implique pôr-se fora da malha?

Com essas questões e tantas outras que podem surgir agora e/ou depois, convidamos a pensar num mundo em ruínas (Tsing, 2019), tentando trazer tensionamentos das nossas vidas *com* as crianças e *com* as discussões emergidas no curso de doutoramento, na relação com a proposição de olhar cuidadosamente para outras espécies deixando-se ser afetado, conforme sugerido por Dooren, Kirskey e Münster (2016). Os autores, ao pensarem as ecologias como “padrões entrelaçados de viver e morrer, de ser e tornar-se, em um mundo maior” (p. 39), destacam as espécies em emaranhados de um co-tornar-se.



Nesse sentido, entendendo a espécie humana como parte desse emaranhado, em malha; no que diz respeito ao que costumam chamar de natureza, não se trata apenas de nos percebermos parte, compomos com a natureza na malha, somos natureza. A interlocução com Coccia (2018) acrescenta camadas no exercício de ficar com o problema, pondo em xeque natureza x humano. O autor, na sensibilidade do diálogo com as plantas, deixa pistas sobre a não superioridade humana, o que faz saltar a perspectiva de plantas, humanos, animais, materialidades em emaranhados de coexistência. Como parte da conversa, nas próximas linhas, traremos cenas que saltaram aos olhos na nossa relação com bebês e crianças, intituladas de “Materialidades terra-criança” e “criança devir-cachorro”, com o convite para ficar com o problema *com* plantas, *com* terra, *com* crianças e *com*...

Materialidades terra-criança

Em um dia desses de setembro, me peguei sendo puxada pelo o que acontecia no pátio da escola entre crianças, terra, pedras e folhas. Pareceu, pra mim, que as crianças também estavam sendo puxadas para o encontro entre materialidades que habitavam o canteiro da escola. Acompanhei mãos e terra em jogos de esconder e aparecer, em caças aos tesouros que, vez ou outra, faziam aparecer: miçanga, pedra, anel e materialidades que não sei nem nomear... acompanhei uma *imersão apaixonada* (Dooren, Kirksey, Münster, 2016) entre movimentos de corpos, alterações de formas e poucas palavras. Parecia que o encontro criança, terra, folha, pedra e achados das mais diversas materialidades prescindiam da tradução em palavras, da criação de sentidos verbalizados. Pode ser que os encontros, experiências de estar *com*, em *combinações inesperadas* (Haraway, 2023), exigissem, em uma outra via, o sentir.

Escolhemos trazer, a priori, uma cena de um setembro, poderia ter sido outra, dentre tantos encontros compartilhados com mais-que-humanos. Este dia de setembro não foi o primeiro no qual as crianças se encontraram com outros mais-que-humanos no canteiro da escola, rompendo com um ideário de que o canteiro, daquele pátio, e outros tantos canteiros, chãos de barro, terra, lama, não seriam um lugar bem-vindo para se mexer (ser mexido), tocar (ser tocado), envolver (ser envolvido). “A terra é suja!”, “Tira a mão daí.”, “As famílias vão reclamar.”. Perdemos a noção da



quantidade de vezes que essas frases foram ditas e repetidas neste percurso de docência e pesquisa *com* bebês e crianças.

Talvez, o que acontece entre crianças, terra, pedras e folhas possa ser capturado em termos de *malha* (Morton, 2023a). Esta proposição expressa a dimensão de interdependência e de conexões infinitas na qual todos estamos enredados. Na malha “cada ser interage com outros. A malha não é estática. Não podemos dispensar nada como irrelevante” (p. 54). Como temos nos *relacionado com, sentido com, feito com, experimentado devires com* outros mais-que-humanos, seres bióticos e abióticos, nos múltiplos espaços e papéis em que experimentamos o estar sendo na vida? Estamos sublinhando o *com* e não o *sobre*.

Não se trata de uma aprendizagem informacional, distanciada, *sobre* terra, pedras, folhas, tendo como premissa a ideia de que as crianças precisam aprender a salvar o planeta, fortalecendo a perspectiva da pedagogia como “reino das boas almas e dos espíritos caridosos” (Tadeu, 2007, p. 312). Acreditamos que os encontros entre mais-que-humanos sacodem as lógicas dualistas e colonizadoras, fazendo saltar modos em malha de viver com ecologias, em práticas éticas e políticas de atenção aos outros.

Na tecitura com materialidades terra, crianças e adulta, em um dia de setembro, lembro de um dia de novembro do ano anterior, de uma cena entre bebês e terra, em um contexto projetado com uma bacia com terra, folhas e galhos no entorno, dentro da sala referência da turma, numa creche que não havia um quintal ou outro espaço que não entre concreto e paredes. Volto à minha dissertação na busca pela tal cena. Releio, transporto-me para aquele tempo, pode ser que, na verdade, neste novo tempo, não se trate de um transporte para lá, mas de um *compor com* aqueles rastros, entre aqueles e estes, inventando olhares para o que aconteceu ali, me afetou e me afeta.

Algumas primeiras perguntas, talvez, herança da perspectiva humanista que nos constitui, poderiam ser: quais serão as ações dos bebês? De que modos os bebês interagirão com a terra, com as folhas, galhos, entre si e com adulto? O que os bebês farão? Trata-se de perguntas que revelam curiosidade e interesse sobre a ação dos bebês e um importar-se com eles (Despret, 2004).



Puxamos agora os fios diante do desejo de, no encontro com as perguntas, ficar com elas um pouco mais, perguntando às perguntas, se é que isso seja possível, tramando outros tantos problemas. Uma análise inicial expõe de cara a perspectiva da *agência* do bebê - o que o bebê fará? Grifar a agência do bebê em um cenário moderno dualista que separa, colocando de lados opostos e hierárquicos, criança e adulto, tem sua importância. Tensionar a perspectiva da agência do bebê, da agência humana, no confronto com alguns interlocutores que nos acompanharão nas linhas que se seguirão, não significa jogar fora um legado de importância para o campo da educação infantil, mas sim o desejo de conversar com essa herança na qual fomos formadas, propondo camadas.

Gostaríamos de ficar um pouco mais com a encrenca da agência. Será que a ideia de agência enquanto capacidade de agir, de movimentar-se é apenas um atributo humano? Será que agência pode ser tomada como um atributo, algo dado à priori? Terra, folhas, galhos, pedras entre outras materialidades poderiam ter suas agências reconhecidas? Será que agência poderia ser mais bem concebida em termos de *relacionalidade* e, nesse caminho, talvez seja mais bem-vindo dizer sobre agenciamentos? Suspendendo os termos agência e ação, encontramos com Ingold (2020) que conta sobre um tornar-se agente, agenciar, entendendo que a agência não se dá antes da ação. Expandindo, é possível dizer também que “não há sujeito por trás do ato criativo, existindo previamente ao processo” (Massumi, 2017, p. 177).

Bebês, crianças, terra, folhas, galhos podem ser considerados em termos de interdependência e agenciamentos entre humanos e não-humanos? “A consciência ecológica está abalando a nossa fé na ideia antropocêntrica de que só existiria uma escala para tudo: a escala humana” (Morton, 2023b, p. 65), neste âmbito, diante da educação e das ciências humanas, tão responsáveis por uma ideia arrogante separatista de centralidade do humano, cabe o enfrentamento. Como temos nos relacionado com outros mais-que-humanos na vida, no cotidiano com os bebês e crianças, nos caminhos de docência, pesquisa, vida? De que modo forjar frestas e uma outra gramática apostando nas composições diante de uma herança moderna que insiste em nos habitar colocando em polos natureza x cultura; humanos x não-humanos; seres bióticos x abióticos?

No micro tempo de novembro em destaque, estão Antonio Gustavo e Maya Fernanda, nomes inventados no percurso da pesquisa de mestrado. Maya Fernanda imediatamente após se deparar



com o contexto projetado com terra, folhas e galhos diz: “Quer botar a mão”. Parece que algo a chama, parece que a terra, em sua vitalidade, vibra, convidando a menina. Ela pega um punhado de terra com a mão. Um punhado de terra se deixa ser acolhido em mãos, embora alguns fragmentos escapem. Maya Fernanda mostra pra mim, através do estender da mão e da sustentação do olhar e, depois, solta a terra, acompanhando-a cair no chão enquanto fala: “tá molhando”. Em seguida, volta a pegar a terra na caixa e soltar no chão. Ou é a terra que pega, puxa a bebê mais uma vez, convida para compor *com*, *de vir com* reciprocamente (Haraway, 2023)? Vivem esse pegar, se deixar ser capturado, em via de mão dupla, repetidas vezes. Antonio Lucas se aproxima, parece convocado pelo que acontece entre Maya Fernanda e terra. Seu olhar se sustenta no encontro entre eles. Antonio Lucas captura (*é capturado*) por um punhado da terra e, semelhante ao que aconteceu antes entre Maya Fernanda e terra, vive o soltar da terra que antes estava acolhida em mãos. A expressão facial do menino parece acompanhar a surpresa provocada pelo encontro com a terra – seus olhos e testa se contraem no toque. Parece-me também que sua expressão facial se sintoniza com o ligeiro movimento de abrir a mão – noto que olho e boca se expandem conforme o expandir da mão e desagarrar da terra. Terra também se mutua em formas – se agrega no contorno da mão e se expande em chuva de grãos entre mão-ar-chão.

A distinção bióticos e abióticos que, para uma grande maioria, significa classificar o que tem e o que não tem vida, é uma das nuances da tentativa de desenredamento inventada pelo humano. Desenredar é ação *sobre* e não *com*. Definir quem tem e quem não tem vida é mais uma peça na engrenagem do colocar-se à parte, colonizar, sobressaltar, agir sobre. SOBRE. Em um viés reverso, estudiosos multiespécies têm dedicado atenção também ao que muitos consideram como seres não vivos, “a vivacidade do abiótico está sendo trazida à tona” (Dooren, Kirksey, Münster, 2016, p. 2) e novas perguntas seguem emergindo. Neste caminho, pedras, água, areia, terra “podem ser pensadas como tendo ‘modos de vida’ distintos, histórias e padrões de tornar-se e emaranhar-se; isto é, modos de afetar e ser afetado” (*Ibidem*). Como se dão esses emaranhamentos nos cotidianos das creches, escolas e espaços de vida? Quais possibilidades para pensar uma docência e uma “ação pedagógica” com bebês e crianças pequenas como práticas de *atentividade* aos outros humanos e não-humanos, mais-que-humanos, incluindo humanos?



Criança devir-cachorro

Já faz algum tempo que observo meu filho, desde cerca dos seus 20 meses, atualmente com 3 anos de idade, colocar a coleira do cachorro, em casa, e dizer, “mamãe, eu também sou um cachorro”. E no que poderia ser dito uma brincadeira de criança pequena, ele se coloca no chão, lambe as mãos, coloca a língua para fora e late. E, todas as vezes que tento fazer interações durante esse momento, sou repreendida pelo furor dele, criança, cachorro, que óbvio, responde com latidos. Por mais que eu tente justificar pelo viés da imitação, pela convivência da criança com seu cachorro, começo a perceber para além disso, o que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997, p. 16) parecem dizer com *devir*,

Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação. Toda a crítica da série parece inevitável. Devir não é progredir nem regredir segundo uma série. E sobretudo devir não se faz na imaginação, mesmo quando a imaginação atinge a nível cósmico ou dinâmico mais elevado, como em Jung ou Bachelard. Os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais. Mas de que realidade se trata? Pois o devir animal não consiste em se fazer de animal ou imitá-lo, é evidente que o homem não se torna “realmente” animal, como tampouco o animal se torna “realmente” outra coisa. O devir não produz outra coisa senão ele próprio.

Nessa relação criança-cachorro, cachorro-criança, no que poderia encontrar sentido nas brincadeiras de faz-de-conta, não parece haver uma relação de dominação, daquilo que chamaria de lidar com “meu cachorro”, interagir com “meu cachorro”, imitar “meu cachorro”, como uma coisa exterior a si mesmo, como algo a ser dominado, domesticado, diferente desse outro que se coloca ao centro. O cachorro parece ser mais um ser como ela, a criança, e a todos os outros e outras da sua convivência. Para a criança, naquele gesto, ser cachorro importa, e sua brincadeira parece compor sua existência devir-cachorro e não apenas uma “brincadeira infantil”. A criança não parece ser o cachorro exterior a si mesma e nem si mesma, mas, um *devir*.

Deleuze (1997) coloca atenção no que as crianças dizem e, neste nosso exercício de pensamento entendemos esse dizer muito para além da fala. Todo o corpo, para além da boca, fala e, como



fala! Grita, sussurra, late. “A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente” (p. 73). Aqui, neste ensaio, um mapa de uma criança devir-cachorro; um pouco antes, um mapa de bebê, criança devir-terra ou devir com (Haraway, 2023) tantas materialidades. Seria este ensaio um exercício de mapear (e não interpretar) os mapas intensivos inventados pelas crianças em seus devires? Pensamos que a imagem instaurada a seguir por Deleuze (1997) segue na trilha de problematizar o que as crianças dizem, que envolvem processos, sem fim, de tornar-se, o que, ao nosso ver, oferece contribuições para pensar a criança brincando (vivendo), entendendo a brincadeira, o viver, para além do que cabe no conta gotas da imitação: “ninguém imita o cavalo, assim como não se imita tal cavalo, mas tornamo-nos um cavalo, atingindo uma zona de vizinhança em que já não podemos distinguir-nos daquilo que nos tornamos” (p. 78).

Durante um pouco mais de uma década, tenho observado crianças-cachorro, crianças-gato, crianças-cavalo, crianças-sapo em suas brincadeiras na vida, incluindo, as vivências com elas, em creches e escolas, enquanto professora na educação infantil. Lembro de uma vez, um grupo de crianças, no pátio, percorrer de quatro apoios e interagir entre si, com códigos indecifráveis por mim, ou, por qualquer outro adulto intruso nos seus coletivos, mas, entendíveis entre elas. Latidos, línguas para fora da boca, respiros ofegantes, mãos como patas, corpos perspicazes e pequenas corridas e encontros. Como não se encantar com isso que poderia ser uma brincadeira? Confabulações? Fantasias? Imitações? Ou, seria a racionalidade humana a querer explicar e dar sentido aos seus *devires*? Por que não o adulto se aproximar em devir-cachorro? Seria possível esse descolamento adulto do seu comum lugar de observador, distanciado? Ainda que haja narrativas no campo da psicologia, da sociologia, entre outras áreas para tentar dar conta de explicar o porquê a criança brinca, elas mesmas parecem sinalizar, para além de toda pedagogia e de todas análises entre campos, que ela não se torna, mas, ela é, nem criança, nem cachorro, quando em devir-animal (Deleuze e Guattari, 1997), se compondo das performances ecológicas e materialidades outras, em *co-tornar-se*; arriscamos supor, despidas das Humanidades dicotômicas, duais, binárias, etc.

Um tanto disso, traz pensamentos acerca das necessidades humanas de colonizar saberes, diagnosticar, interpelar ou quais mais outros sentidos a serem nomeados a partir da observação



sobre o outro, nesse caso, uma criança, talvez, no seu devir-animal (Deleuze e Guattari, 1997). Ao mesmo tempo, a ideia de criança devir-cachorro, que se coloca ao chão, na terra, ao máximo possível em horizontalidade, em toda sua performance corporal espontânea, desprovida dos julgamentos alheios, em comunicação gestual canina, oralizada em latidos, nos convida a considerar modos outros de produzir conhecimento. Inclusive, Brian Massumi (2017), critica a tentativa permanente da racionalidade em conceituação, também, chama atenção à centralidade humana em se colocar como a única espécie em produzir linguagem, o que seria também observado entre os animais. Dito isto e os demais ditos, em que momento seres humanos deixaram de ser animal, vegetal, mineral, parte da terra, parte da *malha* (Morton, 2023a) que compõe os ecossistemas e multiespécies? As crianças, talvez, parecem que não. Será? Quais possibilidades de *com* os bebês e crianças nos entendermos como parte dessa *malha* proposta por Timothy Morton (2023a)?

Não que sejam conclusões...

Nesse breve diálogo, duas amigas, doutorandas, dois corpos; talvez, agora, pensando *com* muitos mais outros corpos, além do dia do almoço e da sopa de ervilha, convidem outros e outras pra pensar *com* ecologias, multiespécies e, *com* modos de viver e existir *com*. Pode ser que seja um convite a nos percebermos na malha de codependência descrita por Timothy Morton (2023a), na urgência das ruínas trazidas não só por Anna Tsing (2019), mas, por muitos outros autores e autoras, também, visíveis a tantos outras corporeidades, existências e espécies, algumas, já extintas.

Parece urgente mobilizar os pilares que sustentam Pedagogias, Humanidades e Modernidade que se fazem ver e sentir, dentre outras facetas, nas dualistas excludentes das existências e no postulado do ideário de racionalidade do Homem Branco. Talvez, com os bebês e crianças, que dobram seus corpos *com* as plantas e animais, possa se tecer diálogos que abram brechas para o estar *com*, *parte de*, sem também a ideia de salvacionismo ou responsabilização hierarquizante. Que possamos viver *com* ecologias, modos de viver e existir, na sua energia cósmica de coabitação e não em figura a ser cuidada, a exterior.



Com essas ponderações, trazemos ainda mais algumas questões, não que sejam conclusões, mas, como parte do exercício de pensamento, para que fiquemos com o problema, com a encrenca, como sugere Donna Haraway (2023): quais possíveis diante da urgência evocada pelos desequilíbrios ecológicos? Estaríamos coisificando materialidades não humanas em seus habitats na intenção de propor uma interação pedagógica? Quais possíveis tramas com bebês e crianças na perspectiva da *malha*? Quais possíveis na educação infantil para pensar *com, parte de e não sobre*? Quais possíveis nas relações ecológicas numa perspectiva de relação não dualista e descentrada nas humanidades? Quais possíveis *com* materialidades e mais-que-humanos em comunidades multiespécies?

Bibliografia

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Desterro: Cultura e Barbárie, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. In: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Sueli Rolnik. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 73-79.

DESPRET, Vinciane. O corpo com o qual nos importamos: figuras do antrozo-gênese. Tradução não publicada de Maria Carolina Barbalho e Ronald João Jaques Arendt. Original: **The Body we care for**: figures of Antrozo-genesis. *Body and Society*, v.10, n.23, p. 111-134, 2004.

DOOREN, Thom; KIRSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Tradução Suzana Dias. **ClimaCom** [online], Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp.39-66, Dez. 2016.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

INGOLD, Tim. Pela atenção. In: INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2020, p. 38-58.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.



MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. Tradução Francisco Trento e Fernanda Mello. São Paulo: n-edições, 2017.

MORTON, Timothy. **O pensamento ecológico**. Tradução Renato Prelorenzou. São Paulo: Quina Editora, 2023a.

MORTON, Timothy. **Ser ecológico**. Tradução Maíra Mendes Galvão. São Paulo: Quina Editora, 2023b.

TADEU, Tomás. Políptico. **Educação em Revista**, 45, 2007, p. 309-322. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/rHtLsDLzqQbj8WLhYpmwRwh/>

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Tradução: Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Recebido em: 15/09/2024

Aceito em: 15/11/2024

[1] Professora da Educação Infantil do Colégio Pedro II; Especialista em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutoranda também pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: barbarademello84@gmail.com

[2] Professora de Educação Infantil no Município do Rio de Janeiro. Especialista em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutoranda também pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: naty_abrantes@hotmail.com